

LUIS SEPÚLVEDA

O FIM DA HISTÓRIA

Tradução de Helena Pitta

Índice

Primeira Parte	9
Segunda Parte	65
Epílogo.....	151
Agradecimentos.....	169
Notas Finais	171

Para Carmen Yáñez, “Sonia”, a prisioneira 824

*Para todas e todos os que passaram pelo inferno de Villa Grimaldi,
o reino do cossaco*

Primeira Parte

Não se requer muita força para levantar um cabelo, não é necessária uma vista aguda para se ver o Sol e a Lua, nem se precisa de um grande ouvido para se escutar o ribombar do trovão.

SUN TZU, *A Arte da Guerra*

Latitude 55° Norte

Caros camaradas:

Sei que planeiam ilustrar a capa do próximo número do The Liberator com uma imagem de Lev Trótski, o que me parece ser uma justa homenagem. Há um mês, enviei-vos uma crónica sobre os últimos combates em Petrogrado, cidade assediada pelo exército branco do general Iudénitch e pelos cossacos do ataman Krasnov. Trótski comandou as forças do incipiente exército vermelho e conseguiu estabelecer o poder do Soviete na cidade berço da Revolução, mesmo antes do seu segundo aniversário, consolidando definitivamente, do Báltico à Crimeia, o governo do Soviete de operários, camponeses, estudantes e soldados.

No período que antecedeu a chegada de Lenine às comemorações da vitória, tive oportunidade de acompanhar Trótski numa situação que a história julgará. Levaram à presença do Primeiro comissário do povo o ataman Piotr Nikolaievitch Krasnov, um cossaco derrotado, de corpo trémulo e olhar suplicante, que não se atrevia a olhar o vencedor nos olhos, limitando-se a gemer e a implorar pela sua vida. Nada restava do altivo ataman dos cossacos do Don, que jurara matar todos os bolcheviques de Petrogrado.

Da avenida Nevski, chegavam-nos gritos que pediam a morte do ataman, mas Trótski limitava-se a observá-lo, sério e em silêncio, com uma expressão não isenta de piedade pelo vencido. A uma ordem do Primeiro comissário do povo, um soldado do exército vermelho pousou, sobre a mesa, uma fotografia arrepiante, que mostrava meia centena de operários, enforcados pelas tropas cossacas, em Ekaterinoslav, e exigiu ao ataman que olhasse para a fotografia.

O cossaco cambaleou, quase caiu e teve de ser agarrado por dois soldados do exército vermelho. À sua frente, tinha uma prova irrefutável dos muitos crimes cometidos contra o povo russo, e, nesse instante, soube que o esperava o pelotão de fuzilamento. Mas Trótski acalmou-o com estas palavras, que cito: Piotr Nikolaievitch, compromete-se a cessar qualquer ataque contra o poder soviético? Compromete-se, sob palavra de honra, a regressar pacificamente à sua terra, e a nunca mais chamar às armas as tropas cossacas contra o Soviete de operários, camponeses, estudantes e soldados?

Piotr Nikolaievitch Krasnov, o ataman dos cossacos do Don, as-sentiu com movimentos de cabeça, num murmúrio exprimiu a sua gratidão por conservar a vida, com palavras afogadas em pranto, e retirou-se, escoltado por dois soldados do exército vermelho.

Na ampla sala do Instituto Smolny, ficaram apenas o Primeiro comissário do povo e eu próprio. Trótski pareceu adivinhar as perguntas que desejava fazer-lhe e antecipou-se. «Nada fortaleceria tanto a contrarrevolução como um mártir com o estatuto do ataman dos cossacos. Nada a enfraqueceria tanto como esta derrota desonrosa.»

A história julgará se Lev Davidovitch Bronstein, Trótski, fez bem ao perdoar a vida do ataman.

John Reed

Latitude 33° Sul

Há vinte anos que não punha os pés nesta cidade de verões infernais, onde não pretendia ficar mais tempo do que o necessário. Ia participar num encontro que não procurara nem desejara, e fazia-o porque ninguém consegue subtrair-se à perseguição da sua própria sombra. Sem que interesse o rumo que tomámos, a sombra do que fomos e fizemos segue-nos com a tenacidade de uma maldição.

Dei ao taxista a direção do hotel e instalei-me no banco traseiro, disposto a usufruir do ar condicionado, na esperança de que não me tivesse calhado um taxista loquaz. Mas não tive essa sorte. Assim que arrancou, começou a disparatar contra a presidente, culpando-a de tudo, até do calor de fevereiro.

– Ainda bem que está de saída. Sabe por que a elegeram presidente? – perguntou, rodando um pouco a cabeça.

– Calculo que, de qualquer modo, mo irá dizer.

– Porque é mulher, comunista, e, claro, filha de Bachelet. Mas agora vamos ter um presidente como deve ser, que sabe dirigir um país, que é rico e sabe fazer negócios. Um empreendedor, como eu.

Há tipos que estão mesmo a pedir que lhes enfiem o cano

de uma arma na boca e lhes deem, como opção, uma bala ou o silêncio, mas eu acabara de chegar e não trazia comigo nenhuma fusca. O carro era de uma marca coreana, imitação de um carro de gama alta, com o inevitável ambientador em forma de pinheiro pendurado no retrovisor.

– Sabe quem foi o pai da presidente? – voltou à carga o taxista.

– Calculo que mo dirá, mesmo que não lhe pergunte.

– Outro comunista – sentenciou, com uma olhadela raiosa ao jornal, que ocupava o lugar do passageiro. Na primeira página, a presidente, que dentro de pouco tempo deixaria o cargo, estava vestida de branco, com a faixa tricolor a cruzar-lhe o peito. Sorria, como que a desculpar-se por aquele país de insuperáveis cretinos.

A única pedagogia eficaz aconselhava a enfiar o cano de uma arma na boca deste tipo, a recordar-lhe que Alberto Bachelet foi um general da Força Aérea leal a Allende, que pagou o preço dessa lealdade com espancamentos, insultos e tortura, acabando assassinado pelos seus próprios camaradas de armas.

– Vem a Santiago em negócios? – perguntou o taxista.

– Não. Sou cirurgião. Especialista em lobotomias.

– E isso o que é? Desculpe a minha ignorância.

– Abro a mona aos tarados que me aparecem e tiro-lhes toda a merda que os impede de pensar. Passe-me o jornal.

O tipo pareceu ter percebido a subtilidade, porque fechou a matraca. O táxi percorria uma autoestrada que eu não conhecia, junto ao rio Mapocho erguiam-se os mesmos bairros de lata, castigados pelo sol inclemente de fevereiro, e, sob o manto de *smog* acinzentado, perfilavam-se as silhuetas dos edifícios mais altos da cidade.

Olhando para a fotografia do jornal, recordei-me de Luis

Lorca, outro homem nobre e leal, que, num dia de 1971, me mostrou uma rapariga loura e baixinha, de uniforme escolar, que encabeçava uma manifestação da Juventude Socialista.

«É a filha do general Bachelet. É preciso que dois companheiros da segurança sejam a sua sombra, porque tem de ser protegida», disse Luis Lorca na altura, e com razão. Nessa época, os paramilitares de extrema-direita eram muito agressivos, mas, sejamos sinceros, nós respondíamos do mesmo modo.

No hotel, recebi a chave magnética do meu quarto, e, já no interior, revistei gavetas, abri portas, espreitei a rua pela janela, à procura de qualquer coisa estranha, condicionado pela força do hábito. Sou um homem da segunda metade do século xx, daqueles que dormem pouco, e que, sem nunca terem lido Lob-sang Rampa, têm um terceiro olho na nuca. Estudei, imediatamente, o mapa que trouxera da receção, memorizei as vias de fuga possíveis, e, como ainda dispunha de algumas horas antes do encontro, estendi-me na cama.

Longe de me sentir fatigado, por ter madrugado e pelo calor, sentia os músculos tensos e alerta, como nos velhos tempos em que esta cidade era uma armadilha. Para esconjurar os fantasmas, fechei os olhos e tratei de rever o que acontecera nos últimos dias.

O telefonema que me arrancou da tranquilidade de Puerto Carmen, na extremidade sul da ilha de Chiloé, chegou-me com o eco inconfundível das ameaças. Não tenho telemóvel nem computador com ligação à Internet, nada que possa ser rastreado, mas já ninguém está a salvo do olho do *Big Brother* que nos vigia a partir do céu. Basta sentarmo-nos diante de um ecrã, escrever *Google Earth*, e o movimento do cursor sobre um continente, país, região, cidade e bairro, fornece-nos todos os

pormenores da intimidade recente do sujeito procurado. Suponho que foi o que Kramer fez para me encontrar.

Julgava-me a salvo em Puerto Carmen, onde, nessa altura, me limitava a partir lenha com a ajuda de Petiso, de modo a garantir as nossas provisões de calor para o longo inverno austral. Só queria olhar para o mar, com Verónica pendurada no meu braço, vendo como o olhar dela ia da margem às primeiras ondas, daí às ilhas Cailín e Laitec, até chegar à margem difusa da Patagónia continental. Aí, as pupilas dela procuravam, sempre, o cume coberto de neve do vulcão Corcovado e detinham-se, impassíveis, imunes às minhas promessas de um dia atravessarmos o canal e navegarmos até ao golfo Corcovado, para vermos as baleias azuis acasalarem nas suas águas.

Eu e Petiso aproveitávamos o bom tempo de fevereiro, os seus dias longos, para partir lenha ou consertar os aparelhos de pesca, enquanto Verónica apanhava sol, quando os meus dois pastores alemães, *Zarko* e *Laika*, ouviram o ruído de um automóvel que se aproximava. Arquearam os lombos, rosaram e sentaram-se, protetores, ao lado de Verónica. Depois de alguns minutos, vimos o *Land Rover* aproximar-se, pela vereda costeira.

Há parcerias em que o estado de alerta é tão habitual que dispensam as palavras, e a equipa formada por mim, Verónica e Petiso é uma dessas. Enquanto o automóvel estacionava, Petiso acompanhou Verónica a casa e regressou a correr. Entregou-me a *Makarov* de 9 milímetros, já com uma bala na câmara, e afastou-se em direção ao depósito de lenha, agarrado à sua costureirinha, uma espingarda *Remington 870*, com cartuchos de munição em aço.

Um tipo novo saiu do *Land Rover*, e, em jeito de cumprimento, apontou para os cães.

– São ferozes?

– Depende.

Encarou a minha resposta como um convite para se aproximar e fê-lo, lentamente. Enquanto o fazia, abriu o fecho do blusão e os braços, para provar que não vinha armado.

– Juan Belmonte? – perguntou, sem deixar de olhar para os cães, que lhe mostravam os dentes.

– Depende – respondi, acalmando-os.

– Houve um toureiro famoso com esse nome.

– Um leitor de Hemingway. Que mais tenho de saber a seu respeito?

O homem parou à minha frente e rodou a cabeça, olhando para Petiso, que o tinha na mira da *Remington*.

– Você deve ser Valdivia.

– De Valdivia. Pedro de Valdivia – corrigiu-o Petiso, desde sempre convencido de que o «de» que antecedia o seu apelido lhe dava um ar nobiliário, mais ou menos como o «von» entre os prussianos.

– Avisaram-me de que não seria recebido com fanfarras – comentou, tirando alguma coisa do bolso interior do blusão. Era um telefone por satélite, de última geração. Puxou por uma pequena antena, marcou um número e passou-me o aparelho. Nessa altura, e depois de vinte anos a tentar esquecê-la, voltei a ouvir a voz de Kramer.

– Belmonte, meu velho amigo com nome de toureiro! O meu emissário entregar-te-á um sobrescrito com dinheiro e com uma passagem de avião para Santiago. Não, não é necessário agradeceres. Mas também não podes recusar-te a aceitar este encontro, sobretudo se tiveres em consideração os meus esforços para provar, à polícia chilena, que não tiveste nada que ver com o assassinato, ocorrido há vinte anos na Terra do Fogo, de determinado alemão, antigo agente da Stasi. Estranho país o teu, Belmonte, onde podemos tomar um aperitivo com um

genocida, mas onde, no entanto, o assassinato é um delito imprescritível. Será um prazer voltar a ver-te, Belmonte.

Não. Não conseguimos fugir da sombra do que fomos.

Latitude 46° Norte

Estava gelada, a manhã de 8 de fevereiro de 1945 em Ialta, como em toda a península da Crimeia, e, na vasta Ucrânia, a temperatura recusava-se a subir acima dos quatro graus negativos, mas Miguel Ortuzar, Misha para os oficiais soviéticos, recusou a chávena de chá oferecida pelo seu ajudante e dedicou-se à elaboração do menu.

Por vontade expressa de Estaline, o banquete deveria começar com caviar, seguido de esturjão em gelatina e assado de cabra-montês das estepes. Os ingleses de Churchill também desejavam começar pelo caviar – comê-lo não era nenhum frete para eles – e continuar com estufado de carne de vaca e macarrão. Os ianques de Roosevelt é que nem sequer o conseguiam cheirar e exigiam, diariamente, peixe branco ao champanhe ou frango frito com saladas.

Satisfeito, Misha verificou que dispunha de boas provisões, chegadas em caixas com o rótulo «IALTA 208», e decidiu acrescentar umas espetadas de cordeiro e codornizes em escabeche.

Enquanto o ajudante se dedicava a depenar as codornizes, reviu minuciosamente o tesouro que protegia, anotando os consumos no inventário. Para o palácio de Livadia, frente ao Mar